

Uma experiência educativa do Museu Antropológico Diretor Pestana (Ijuí, Brasil)

An Educational Experience at the Anthropolgy Museum Director Pestana (Ijuí, Brasil)

JAEME LUIZ CALLAI

LICENCIADO EN HISTORIA. PROFESSOR DE HISTÓRIA. UNIVERSIDADE REGIONAL
DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (BRASIL)

Resumo

O Museu Antropológico Diretor Pestana, situado no Brasil, encontra-se instalado e funcionando a mais de cinco décadas. O presente artigo inicia com sucinta descrição da dinâmica da ocupação humana na região em que o mesmo se encontra instalado, bem como, a sua organização, características do acervo, conteúdo e arranjo. A segunda parte do artigo apresenta uma síntese das atividades educativas levadas a efeito pelo corpo técnico do Museu e que tem como público preferencial as crianças e adolescentes das escolas de educação básica. Por fim, é apresentado em detalhe esse trabalho realizado com as escolas na discussão relativa à interação sociedade nacional X povos indígenas, no Brasil contemporâneo.

Palabras clave: Educação Patrimonial, Museu, Patrimônio histórico-cultural, Ijuí, Brasil.

Abstract:

The Anthropology Museum Director Pestana is located in Brazil and has been working for more than five decades. This article starts with a brief description of the dynamics of human distribution in the region where the museum is located and also the organization, characteristics, content and position of the collection. In the second part of the article, an overview of the educational activities carried out by the museum staff, which addresses its activities to boys, girls and teenagers in elementary and primary schools, is presented. Finally, this is a work carried out together with the schools about the debate of the interaction between the national society and the native people in contemporary Brazil.

Key words: heritage education, museum, historical and cultural heritage, Ijuí, Brazil.

1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

O Museu Antropológico Diretor Pestana, situado no município de Ijuí, estado do Rio Grande do Sul, Brasil, foi criado em 1961 com o objetivo de resgatar e conservar a memória histórico cultural da ocupação humana da região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Brasil.

Os primeiros habitantes chegaram à região 7.000 anos atrás, eram povos coletores e deles restam escassos vestígios arqueológicos; Quando da chegada dos europeus, no século XVI, dois são os principais povos – Guarani e Kaingang. A respeito destes dois povos há registros abundantes, de viajantes, missionários e administradores coloniais, afora farto material cerâmico e lítico recolhido através de simples coleta superficial. Na atualidade habitam a região remanescentes destes povos, os quais após décadas de intenso contato interétnico caracterizado pela espoliação econômica e destruição, quase que por completo, de suas formas tradicionais de viver.

As terras ocupadas por estas populações originárias foram apropriadas por portugueses e espanhóis no decorrer de suas disputas coloniais pelo domínio territorial daquela que é hoje a porção mais meridional do Brasil. Nas áreas de pastagens já no século XVIII organizaram-se grandes propriedades, «fazendas», dedicadas à criação de gado *vacum*. Já nas áreas de mata subtropical a ocupação com população branca se faz com a implantação da agricultura, em pequenas propriedades. Este processo, mais recente, ocorre a partir da segunda metade do século XIX.

É assim que no decorrer do século XIX, atendendo ao ditame da política estatal interessada na efetiva ocupação do território sulbrasileiro e na produção alimentícia para atendimento do crescente mercado interno urbano desenvolve-se intenso esforço de atração de camponeses europeus – italianos, alemães, poloneses, russos, espanhóis, entre tantos outros. O modelo adotado no sul do Brasil consiste na distribuição de pequena parcela de terra agricultável (25 ha.) a serem cultivadas pela mão de obra familiar. Estas parcelas foram denominadas «colônias» e seus proprietários «colonos» caracterizando-se então um processo social denominado «colonização» que em muito difere da expansão colonial desenvolvida pela Europa em territórios africanos e asiáticos.

Na área mais restrita que nos interessa a dita colonização tem início em 1890 com a vinda de camponeses diretamente da Europa ou de filhos imi-

grantes europeus já nascidos no Brasil. No dizer de um pároco polonês, em 1896, «...nossa comunidade recebeu prazerosamente representantes de pelo menos dezenove nacionalidades... até parece a babel do novo mundo» (Cuber, 2002, p. 27).

Esses imigrantes, que vieram em busca de terra e liberdade, reproduziam aqui seu modo de vida tradicional – instalação de igrejas e escolas, de associações culturais, processos agrícolas. Passados 50 anos, em meio à profunda crise de produção e especialmente de produtividade defrontam-se com a urgente necessidade de generalizado e intenso processo de mudanças técnicas e econômicas conhecida como modernização agrícola ou «revolução verde». Em poucas palavras, a agricultura passa a ser uma atividade eminentemente capitalista, industrial se pode dizer. O mundo camponês entra em crise, instala-se o novo, o moderno. Seja lá o que isso possa significar. Os anos 50 e 60 do século passado marcam na região a destruição de um mundo rural, camponês, de algum modo transplantado da velha Europa do século XIX. A percepção que o novo suplantava o velho de modo irreversível e avassalador constitui um dos vetores da criação do Museu Antropológico Diretor Pestana.

O Museu Antropológico Diretor Pestana, criado em 1961, nasce com o intuito de acolher as manifestações materiais da vida humana na região. Não é um museu da «colonização», não é um museu histórico, estrito senso, não é um museu dos grandes personagens, dos grandes feitos. No dizer de seu primeiro diretor, em 1961, por ocasião da instalação do Museu Antropológico Diretor Pestana

...Um museu antropológico quer demonstrar o homem em sua evolução dentro de seu ambiente... se ocupa do homem em relação com sua história e sua cultura. Já se foi o tempo em que quem dissesse museu dizia uma coleção de relíquias que despertassem no visitante ternura ou curiosidade pelo passado: um passado morto, sem ligação com a vida. Uma visita a um «museu» era quase uma renúncia à vida ou um «rendez-vous com a morte», isto é, com uma civilização ou uma época já morta... (o tipo de museu que se pretende está animado)... por um sentimento de continuidade de vida e de cultura, através dos tempos sociais diversos e das diferentes culturas que o homem tem atravessado e continua a atravessar (Fischer, 2002, p. 33).

É um museu antropológico, um museu do homem regional, é a humanidade tal qual ela se constituiu na região que se pretende resgatar. Nele há lugar

para o indígena desde aquele pré-colombiano, ao indígena «jesuítico», até as atuais comunidades indígenas cuja cultura e sangue é parte constitutiva da população regional; ali está presente o camponês europeu e seus descendentes; também luso-brasileiros sejam agricultores pobres (caboclos) ou representantes da elite administrativa de inícios do século xx.

Num momento em que o Brasil vivia a explosão do novo – a modernização da agricultura, a construção de Brasília, a renovação das artes brasileiras. Quando toda a sociedade respirava a renovação, a revolução dos costumes, com um olhar para frente, na euforia da construção do futuro eis que é criado um Museu. Um museu para guardar coisas velhas? Um museu para cristalizar, para fossilizar o passado? Por certo que não, o que se pretendia naquele momento em que a sociedade nacional e local ensaiava um arrojado voo rumo ao infinito era mister uma reflexão relativamente ao passado enquanto experiência acumulada., base para um desenvolvimento mais consistente e coerente com a vida socialmente construída ao longo dos anos... o que o novo museu propunha era o desafio da comunidade regional reconhecer-se enquanto expressão diversa de uma experiência que por certo é parte da cultura e sociedade brasileiras mas nelas não se dilui como algo amorfo e indefinido (Callai, 2002, p. 38).

Ao longo desses cinquenta anos o Museu Antropológico Diretor Pestana reuniu, organizou, preserva e oferece à pesquisa e à fruição de quantos a ele acorrem um rico acervo. Não só objetos representativos da cultura material, mas também documentação escrita e fotográfica. Coexistem nele um acervo típico de um «Museu»: material cerâmico e lítico do indígena pré-colombiano e jesuítico juntamente com objetos da cultura indígena contemporânea ao lado de instrumentos de trabalho, utensílios domésticos, objetos representativos das diferentes manifestações de sociabilidade da população de origem europeia; e, ao lado, ao feitiço de um «Arquivo», farta documentação escrita seja aquela da administração pública da municipalidade, seja de empresas ou mesmo pessoais. No âmbito do arquivo merece especial menção a hemeroteca com a completa coleção dos jornais locais desde 1913 e a riquíssima documentação fotográfica constituída do acervo de diversos fotógrafos profissionais que atuaram em Ijuí desde o início dos anos 1900.

No que diz respeito à secção museológica há uma exposição permanente que procura retratar a história da presença humana na região desde o homem

pré-colombiano até o presente e, paralelamente, são organizadas exposições temáticas temporárias. Garante-se assim, com essas duas modalidades de exposição um permanente atrativo para nova visitação graças as exposições temporárias e ao mesmo tempo a exposição permanente reafirma o discurso museográfico responsável pela criação e manutenção do próprio Museu. Já a secção de arquivo muito embora não permita o acesso direto ao acervo apresenta o mesmo classificado e catalogado de modo a facilitar a pesquisa de estudantes universitários, de alunos da escola básica, de especialistas e do público em geral.

Esta introdução, já um pouco alongada, é necessária para permitir uma compreensão, por superficial que seja, do contexto em que é criado o Museu Antropológico Diretor Pestana, de sua proposta museológica e de como ele está organizado quanto a sua estrutura e seu acervo.

2. A AÇÃO EDUCATIVA DO MUSEU ANTROPOLÓGICO DIRETOR PESTANA

Muito embora aberto à visitação geral seu público preferencial, no que diz respeito à secção museológica, constitui-se dos alunos da educação básica. O acervo do Museu seja na parte da exposição permanente, seja nas exposições temporárias representa para as escolas importante recurso metodológico para o desenvolvimento dos estudos da história local e regional.

A Exposição Permanente com suas diversas secções –Indígena, Negros e Caboclos; Colonização e Ijuí atual– retrata com riqueza de detalhes o processo de ocupação do município de Ijuí e região. Num recorrido de aproximadamente duas horas é possível observar artefatos, instrumentos de trabalho ou lazer desde a pedra lascada ao mundo dos anos 60, 70 do século passado.

A exposição permanente «recepção» os visitantes apresentando aos mesmos um «discurso» que, muito embora procure sinalizar a diversidade das contribuições constitutivas da história local e regional, é único e articulado. Ele é a expressão do entendimento que os técnicos do Museu Antropológico Diretor Pestana vem construindo ao longo dos anos, fruto de suas pesquisas, a respeito do que tem sido «o homem (regional) em sua relação com sua história, sua cultura e seus costumes» (Fischer, 2002, p. 33). Esta exposição, por seu conteúdo e estruturação possibilita, ao aluno um conta-

to com a manifestação material dos processos vividos pela população da região ao longo de séculos.

Em alguma medida a história que a exposição permanente narra é representativa não só da história local mas também da história do sul do Brasil. A visitação a esta exposição é sempre acompanhada pelo pessoal técnico do Museu. Ao final as crianças e jovens visitantes, em se tratando de público escolar, são convidados a verbalizar suas impressões o que lhes pareceu mais interessante e significativo. Como parte desse processo de organização e compreensão do conjunto de informações e estímulos recebidos são utilizados painéis com jogos do tipo: «Caça Palavras», «Jogo da Memória», «Batalha Naval».

Para exemplificar observe-se o «Jogo da Memória» que é apresentado aos alunos, ao final da visita, com o intuito de sistematizar o conjunto de informações recebidas no decorrer da visita à Exposição Permanente. O referido jogo apresenta-se como um mural, em que estão representados diversos objetos que constituem a Exposição, o desafio é encontrar os pares de objetos, deslocando um cartão imantado que os recobre. Na imagem da direita o mural está recoberto pelos cartões imantados, à esquerda visualiza-se a reprodução, em pares, de objetos da Exposição Permanente.

Figura 1. Jogo da Memória.

Fonte: elaborado pelos autores.

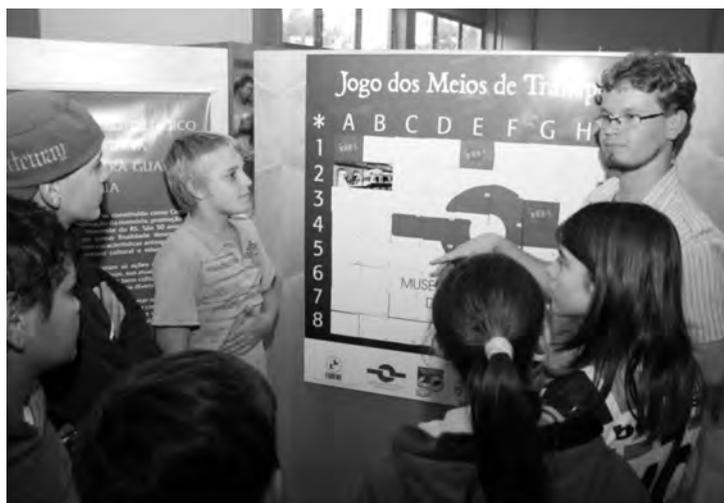


Outro recurso, utilizado com objetivo similar é o «Jogo dos Transportes», que a exemplo da Batalha Naval, estimula a curiosidade e desenvolve a aten-

ção das crianças, na recomposição dos diferentes meios de transportes utilizados, historicamente, pela população local. Neste caso pode-se observar um grupo de estudantes, sob a coordenação de um monitor, prontos para iniciar o jogo.

Figura 2. Jogo dos Transportes.

Fonte: elaborado pelos autores.



De outra parte as exposições temporárias contemplam temáticas específicas que organizam outros tantos discursos e atendem demandas propostas ora pelo sistema escolar da educação básica, ora demandas de setores organizados da sociedade envolvente. Abrem-se, portanto, para outras leituras e interpretações do acervo e da realidade social circundante. Tendo como foco temas contemporâneos as estas exposições organizam-se em debates com a participação de acadêmicos de outras áreas do saber e lideranças sindicais, indígenas, culturais, políticas, comunitárias. Debates esses abertos ao público, acompanhados da exposição temática correspondente e de atividades oficinas organizadas especificamente para alunos ou professores da educação básica.

Precisamente por serem organizadas a partir de demandas externas sua programação é expressão do interesse dos parceiros que encontram no Museu um qualificado espaço de interlocução. Estas exposições proporcionam maior versatilidade ao trabalho e diversidade de público. É bem verdade que há

uma deliberada reincidência anual de alguns temas, assim é que se realiza em abril a exposição que discute a situação do indígena brasileiro na atualidade, em maio o tema é a questão feminina, em setembro a história e a cultura rio-grandenses, em outubro, mês de aniversário da fundação do município são tematizadas questões relacionadas à vida da comunidade local.

Uma terceira dimensão da interação entre a população e o Museu é a constituída pela Secção de Arquivos, nela destacam-se: a hemeroteca, com coleção de jornais editados em Ijuí, acessíveis à consulta em suporte digital; a documentação do Arquivo Público Municipal relativa ao período de 1890-1930; o arquivo fotográfico com mais de 250 mil fotos, inclusive com negativos em vidro, que retratam a vida social e política, mas também privada da sociedade local. Este acervo encontra-se organizado e disponível para a pesquisa de acadêmicos, público em geral e alunos da educação básica sempre com o apoio de pessoal especializado.

A ação educativa desenvolvida pelo Museu Antropológico Diretor Pestana é bastante ampla e diversificada, mas seu foco principal é constituído das crianças e adolescentes, alunos da escola básica. A programação anual das exposições e demais atividades educativas é organizada em colaboração com os professores, fazendo assim parte da própria programação curricular das escolas.

Dentre as exposições temporárias aquela que, via de regra, suscita maior interesse e afluxo de público é a relacionada com a «Semana do Índio», comemorada em abril de cada ano. Ocorre que no Brasil o dia 19 de abril constitui-se em data cívica em que a sociedade brasileira é convidada a refletir sobre a realidade indígena brasileira. Enquanto data cívica faz parte do calendário escolar e especialmente nos primeiros anos da escolarização é objeto de intensa programação nas escolas. A data é também oportunidade das lideranças indígenas e de ONGs simpáticas à causa indígena organizarem manifestações e protestos na busca de seus direitos. ao mesmo tempo a administração pública ocupa-se, através de festividades e manifestações retóricas, em despolitizar o debate a respeito da questão indígena no país.

Por considerar o tema relevante, que exemplifica de modo muito claro a complexidade da questão intercultural no Brasil, o Museu juntamente com as escolas de educação básica desenvolve ano a ano, juntamente com a exposição sobre a temática, uma variada pauta de discussões.

A programação proposta pelo Museu Antropológico Diretor Pestana, nos últimos anos, permite conhecer e avaliar a contribuição educativa do Museu no entendimento não só da cultura Guarani ou Kaingang, mas especialmente das condições em que se desenvolvem as relações políticas, econômicas e culturais destas populações com a sociedade nacional envolvente. Os jovens estudantes e seus professores tem a oportunidade de participar e conhecer, através das atividades propostas pelo Museu a situação das populações indígenas brasileira e regional.

Merece especial referência o fato de o Museu poder contar regularmente com a presença de indígenas das nações Guaraní e Kaingangs, habitantes da região, e ocasionalmente com lideranças indígenas de outras nações do território nacional. Os mesmos atuam como conferencistas, animadores de debates, monitores da exposição, ou ministrando cursos sobre a respectiva tradição cultural. São eles lideranças, acadêmicos alunos de cursos de graduação e mesmo índios mais velhos possuidores de maior conhecimento da própria história e cultura. É relevante considerar que a exemplo de outras universidades brasileiras é cada vez maior a presença de indígenas em seus cursos de graduação e mesmo de pós-graduação. No caso da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijui, a qual está ligado o Museu Antropológico, são mais de 40 alunos indígenas atualmente matriculados.

Um rápido exame da programação desenvolvida em algumas das últimas edições desta exposição permite avaliar como se desenvolve a atuação educativa do Museu Antropológico Diretor Pestana:

3. EDIÇÃO 2010 - 12 DE ABRIL A 26 DE MAIO

Exposição Temporária «Povo Guarani no Rio Grande do Sul» que reuniu peças e documentos do acervo do próprio Museu, em conjunto com a Exposição Pedagógica; «Sítio Arqueológico São Miguel Arcanjo», organizada pela Universidade de Passo Fundo. Dentre seus objetivos estava o esforço de que o público pudesse compreender a organização do espaço e o modo de vida missioneiro.

Paralelamente à estas duas exposições foram realizadas as seguintes atividades:

1. Sessões de vídeo e debates: documentário «Mokoi Tekoá Petei Jeguatá – Duas aldeias, uma caminhada», dirigido pelos Guarani-Mbya: Germano Beñites, Ariel Duarte Ortega, Jorge Ramos Morinico.

2. Oficina para professores.

«Construindo Maquetes: Um suporte Lúdico para o Ensino da História», com o Prof. Dr. André Luis R. Soares da Universidade Federal de Santa Maria, cujo objetivo é fornecer aos professores do ensino fundamental um material de apoio que contribua para o entendimento da História Regional e desperte maior interesse dos educandos para o patrimônio local.

4. EDIÇÃO 2011 - 12 DE ABRIL A 27 DE MAIO

Exposição «Práticas e saberes dos Povos Indígenas Brasileiros»: a Exposição temática reunia 52 posters em que se encontravam representadas a diversidade de práticas e saberes indígenas. Em apoio a esta exposição desenvolveram-se ao longo do período um conjunto de atividades dirigidas ora à estudantes, ora à professores, ora ao público em geral, como se pode observar a seguir.

1. Projeção de Vídeo-Documentários em sessões previamente programadas, a pedido de escolas, para grupos de alunos:
 - *Dama Rowaihuúdzé – Para Todo Mundo Ficar sabendo*: produzido por indígenas Xavantes da Aldeia de Abelhinha que registram imagens da própria vida, sua própria realidade como testemunho de sua presença no cenário nacional.
 - *Kigrãg: Aprender*: relata o dia-a-dia de um menino Kaingang, e a compara com o de um menino branco. Núcleo de Educação Indígena (Secretaria Estadual de Educação).
 - *My Here: Identidade Kaingang*: documentário produzido na Terra Indígena de Carreteiro, registra imagens do cotidiano da atualidade de uma comunidade indígena num comparativo de como era no passado.
 - *Mokoi Tekoá Petei Jeguatá – Duas Aldeias, uma caminhada*: documentário do Povo Guarani Mbyá, produzido por Germano

Benites, Ariel DuarteOrtega (Cacique Guarani) e Jorge Ramos Morinico.

- *Bicicletas de Nhanderú*: direção de Patrícia Ferreira, Cacique Ariel Duarte Ortega, e fotografia de Jorge Ramos Morinico.
- *Nós e a cidade*: direção de Patrícia Ferreira, Cacique Ariel Duarte Ortega, Jorge Ramos Morinico.

2. Palestras para estudantes:

- *A Questão Indígena na atualidade*. Palestrante Laisa E. Sales Ribeiro, índia Kaingang. Estudante de Biologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- *A realidade nas comunidades indígenas*: Palestrante Laisa E. Sales Ribeiro, índia Kaingang. Estudante de Biologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- *O Povo Mbya-Guarani no Rio Grande do Sul*: Palestrante Cacique Guarani Ariel Duarte Ortega.
- *Identidade Indígena, diversidade e escola: caminhos em construção*: Palestrante Prof. Dr. André Luis Ramos Soares - Licenciado e Bacharel em História pela UFRGS e Doutor em Arqueologia.

3. Seminário (aberto para professores e público em geral):

- Educação, Cultura e Protagonismo Social - 1ª sessão:
 - *Globalização e Diversidade Cultural*: Professor Giovanni Polliani - CESES - Milão - Itália.
 - *A comunidade Kaingang de Inhacorá*: Cacique Kaingang Adilson Policena.
 - *Ações da FIDENE e UNIJUÍ em comunidades indígenas*: Profas. Dulci Matte e Maristela Busnello, UNIJUÍ.
 - *Pedagogia diferenciada na sociedade complexa*: Profa.Dra. Armgard Lutz, UNIJUI.
- Educação, Cultura e protagonismo social - 2ª sessão.

- *Economia solidária e inclusão social*: Profa. Eronita Barcelos, UNIJUI.
- *Mudar o mundo é uma questão de mudança de atitude*: Instituto Elos – Biólogo Leandro Mafra, Santos-São Paulo.

4. Apresentações artísticas abertas ao público:

- *Coral Infantil Mbya-Guarani*: Aldeia Guarani Koenjú de São Miguel das Missões.
- *Grupo de Danças Kaingang*: da Terra Indígena do Inhacorá.

Figura 3. Da esquerda para a direita: 1. Apresentação do Grupo de Danças Kaingang; 2. Mulher Kaingang ensinando a técnica de tecelagem, no Museu, para escolares; 3. Homem Kaingang, ao fundo, em pé, ensinando o Jogo da Onça –uma típica brincadeira indígena–.

Fonte: elaborado pelos autores.



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do relato resulta evidenciada a prática educativa desenvolvida pelo Museu Antropológico Diretor Pestana, exemplificada aqui, em específico, no trato da questão indígena. Ao buscar a participação efetiva de representantes das comunidades indígenas implicadas nas diferentes exposições observa-se claramente a recusa em tratar a questão como algo da competência exclusiva de «especialistas» que falam sobre a realidade do Outro. A ação educativa do Museu traz ao centro do debate os próprios indígenas e sua realidade. Não como objetos de admiração, convenientemente distanciada, de uma cultura «exótica», ao feitio do bom selvagem rousseauiano. Pelo contrário, como protagonistas cada vez mais ativos e presentes no dia a dia da sociedade brasileira como cidadãos de direitos e de deveres.

Esta preocupação em dar vida ao seu acervo e voz a diferentes protagonistas resulta do esforço permanente em dar consistência ao seu discurso fundador, que se declarava como um museu animado *por um sentimento de continuidade de vida e de cultura, através dos tempos sociais diversos e das diferentes culturas...*

Para finalizar, a escolha dos alunos da escola básica como seu público preferencial, mas evidentemente não exclusivo, se explica pelo interesse em contribuir para a formação das novas gerações numa perspectiva culturalmente plural, aberta e de respeito às diferenças culturais.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Callai, J.L. (2002). 40 anos de memória. In Museu Antropológico Director, *40 anos de história* (pp. 37-44). Ijuí: Editora Unijui.

Cuber, A. (2002). *Nas margens do Uruguai*. Ijuí: Editora Unijui.

Fischer, M. (2002). O Museu Antropológico de Ijuí, conferência. In Museu Antropológico Director, *40 anos de história* (pp. 31-36). Ijuí: Editora Unijui.

Lazarotto, D. (2001). *História do Rio Grande do Sul*. Ijuí: Editora Unijui.